



Texto 1



Therians: pessoas que se identificam e se comportam como animais

(Diário de Pernambuco)

Câmara do RJ aprovou o “Dia da Cegonha Reborn” no calendário oficial da cidade, a ser comemorado no dia 4 de setembro. De acordo com a justificativa, o nascimento de um bebê é um momento “singular na vida de uma mulher, e não é diferente para as mães reborn!”



(Instagram)

Texto 2

[O fenômeno dos *therians* e dos bebês *reborn* são dois fenômenos distintos, mas ambos refletem uma procura humana por conexão e significado].

O conceito de *therian*, derivado do termo “*therianthropy*” (combinação das palavras gregas “*therion*” (fera) e “*anthropos*” (humano)), refere-se à crença ou ao sentimento de que uma pessoa possui, em algum nível, uma identidade animal. Esse fenômeno, que se manifesta em diferentes culturas e contextos, ganha relevância tanto no campo antropológico quanto no psicológico, sobretudo pela complexidade de questões envolvidas em torno de identidade, pertencimento e expressão de si mesmo.

A identidade *therian* pode ser entendida como uma forma de autorrepresentação que transcende os limites da identidade humana. Em muitos casos, pode ser uma tentativa de lidar com sentimentos de alienação social ou o desejo de encontrar uma “tribo” com valores e características compartilhados.

Estudos mostram que a busca por pertencimento é uma necessidade humana fundamental. Nesse contexto, a identificação com animais pode funcionar como um mecanismo simbólico de conexão com algo maior – seja a natureza, um grupo ou a própria essência interior.

O animal escolhido pode representar características ideais, como força, liberdade ou intuição, compensando déficits emocionais vividos no passado.

Do ponto de vista da Psicologia Positiva, a identidade *therian* pode ser vista como uma forma de autoaceitação. Para muitas pessoas, explorar essa faceta de sua identidade é um caminho de autodescoberta e de bem-estar que as ajuda a compreender melhor suas emoções, seus instintos e suas reações.

Os *therians* podem enfrentar preconceitos, sendo vistos como excêntricos ou desconectados da realidade. No entanto, comunidades on-line têm desempenhado um papel crucial na validação dessa experiência. Fóruns, grupos de apoio e redes sociais permitem que *therians* compartilhem suas histórias, promovendo um espaço de aceitação e crescimento.

A cultura popular, com sua abundância de personagens híbridos ou que personificam animais (como Cuca, minotauro, sereia, centauro, esfinge etc.), pode ter reforçado o conceito de *therian*. Filmes, jogos e mitologias oferecem metáforas poderosas que facilitam a identificação com arquétipos animais, fortalecendo a identidade *therian* como um fenômeno psicológico e cultural.

O acompanhamento psicológico pode ser essencial para ajudar indivíduos que se identificam como *therians* a compreender e integrar essa faceta de sua identidade. A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) e a Terapia do Esquema (TE) permitem diferenciar vivências simbólicas e reais, promovendo o autoconhecimento e possibilitando uma forma adequada de lidar com possíveis conflitos internos ou externos.

<https://mrochapsico.com.br/blog/therian-uma-analise-psicologica-do-conceito-de-identidade-animal/#:~:text=Do%20ponto%20de%20vista%20da,suas%20emo%C3%A7%C3%B5es%2C%20instintos%20e%20rea%C3%A7%C3%B5es.> (Adaptado)

Texto 3

Para os extremistas, que decidem viver como o animal com o qual se identificam, essa prática pode levar a grandes desafios sociais e psicológicos, como sentimentos de isolamento ou de incompreensão por parte de outras pessoas.

Em casos raros, a autopercepção *therian* pode se cruzar com questões de saúde mental, exigindo uma adaptação cuidadosa para manter um equilíbrio saudável entre a identidade pessoal e o bem-estar.

Não existe nada de errado em se identificar com algum animal, em admirar suas características. Contudo, a questão da “transespécie” (identificação da espécie humana com a natureza ou com características de um animal, de um ser mítico ou até mesmo de um extraterrestre) pode ser mais complicada do que se imagina. Antes de qualquer coisa, é necessário procurar ajuda médica para lidar com o assunto.

terrorepauta.com (Adaptado)

Texto 4

Publicar vídeos de partos de bebês *reborn* (renascer em inglês), trocar fraldas, amamentar, dar nomes, cuidar: tudo isso virou tendência nos últimos tempos. O tema viralizou, gerando debates acalorados sobre uma suposta infantilização do adulto, sobre papéis de gênero e sobre banalização do cuidado real de um recém-nascido. O *reborn* não sente dor, não se angustia, não ama. Ainda assim, nos relacionamos. Não estamos apenas confundindo fantasia com realidade: estamos ansiando por relações com aquilo que não sente, não responde, não escapa de nós.

O que inquieta é a tentativa de preencher vazios afetivos com o que nunca poderá ser humano. O que assusta é a naturalização da ideia de que o outro pode ser uma coisa.

Talvez seja esse o verdadeiro espanto, porque cuidar de um bebê *reborn* não é, em si, mais absurdo do que muitas outras práticas que já integram o cotidiano. Mas há algo ali que torna visível o que preferiríamos manter invisível: o quanto temos aceitado vínculos sem alteridade, o quanto temos investido afeto em simulacros – e o quanto, nesse desejo de criar relações absolutamente controláveis, há uma carência que deflagra uma sociedade perdida em suas relações.

O bebê *reborn* surge como símbolo extremo de um fenômeno que, em alguma medida, é familiar: um afeto cuidadosamente encenado para parecer real – e que talvez só se sustente porque pode ser controlado e exibido. Um afeto com apelo estético, ajustado à imagem do que é belo, limpo, sereno e, ao mesmo tempo, sem risco, sem contradição, sem frustração.

O bebê *reborn* está ali: parado, imóvel. Ainda assim, é cuidado como se fosse real. Não responde. Não sente. Não cresce. E talvez seja justamente por isso que tanta gente o tenha escolhido: não por loucura, mas por tentativa; tentativa de encenar o cuidado num tempo em que as relações reais parecem, para muitos, assustadoras ou distantes demais. Ou tentativa de produzir o olhar e o interesse do outro – daquele que, ainda que não-humano, carrega a promessa de relações reais.

<https://saude.abril.com.br/coluna/com-a-palavra/bebes-reborn-o-que-ha-por-tras-do-espanto/> (Adaptado)

Texto 5

A primeira boneca *reborn* famosa foi criada em 1999 pela artista alemã Karola Wegerich, como forma de consolar seu amigo que havia perdido um bebê. Desde então, o estilo se popularizou pelo mundo e conquistou famosos e influenciadores, que têm relatado nas redes sociais experiências sobre como é a vida sendo “mãe” ou “pai”, incluindo encontros, passeios e parto. A febre em torno dos bonecos tomou uma proporção tão grande que os famosos começaram a adotar os bebês.

Uma famosa musa fitness inclusive nomeou o boneco. Nas suas redes, a musa postou: “Como já disse anteriormente, meu sonho é ter um filho. Podem me julgar, no começo achei estranho. Mas Benício me trouxe felicidade. Te amo, Bê!”.

<https://www.folhape.com.br/noticias/entenda-a-trend-por-tras-dos-bebes-reborn-bonecos-realistas-fazem/410205/> (Adaptado)

Texto 6

A onda dos bebês *reborn* nos convida a refletir sobre os modos contemporâneos de lidar com afeto, solidão, perda e papéis sociais. Longe de ser um fenômeno meramente curioso, esse comportamento toca em temas profundos da experiência humana – como o desejo de cuidado, a maternidade, o luto e o valor simbólico dos objetos. Cabe à psicologia investigar sem julgar, acolher com escuta ativa e, quando necessário, intervir com ética e empatia.

Rosana Cibok, psicóloga, <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/a-onda-do-bebe-reborn-uma-perspectiva-psicologica-sobre-o-apego-emocional-e-o-colecionismo-afetivo>

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **Therians e bebês *reborn*: modismos inofensivos ou sinais de fragilidade emocional?**

Autoria: Maria Aparecida Custódio